



Vasco Rosa

Aos amigos de Eduíno

## Açorianos em Coimbra nos anos 1950, II

# Eduíno de Jesus, crítico de artes e letras

No artigo anterior, referi-me à coleção Arquipélago, criada e alimentada por Eduíno de Jesus e Jacinto Soares de Albergaria junto da Coimbra Editora e do Instituto Cultural de Ponta Delgada, que foi responsável pela *publicação consecutiva* — e com valiosos estudos críticos — da obra poética de Armando Côrtes-Rodrigues (1956), Madalena Féris (1957) e António Moreno (1958), entre outros. Esta única *acção de rasgo* em muitos anos antecipou três décadas o esforço trabalho da editora Salamandra, de Bruno da Ponte (1932-2018), que editou muitos autores açorianos e imprimiu duas ou três centenas de livros entre 1980 e 2010 (e bem merecia uma exposição biobibliográfica, que nunca teve) e, verdade seja dita, também a coleção Gaivota, da Direcção Regional de Cultura e seus variados acrónimos ou avatares, que dinheiros públicos nos primórdios da autonomia política permitiram fazer (e hoje deveria ser património público, de acesso digital livre; mas não, pois isso dava algum trabalho que ninguém faz nem ninguém manda fazer!...).

Porém, mais do que essa intervenção editorial, ou a sua própria obra poética, o que distingue Eduíno nesses anos já tão distantes é a sua produção crítica espelhada em suplementos de jornais, em revistas ditas de facção (por exemplo, *Graal* de António Manuel Couto Viana e António Vaz Pereira, 4 números em 1956-57; ou *Bandarra*, publicada no Porto), em prefácios a livros de poesia e até em catálogos de exposições de arte, em especial do seu grande amigo o pintor Artur Bual (1926-99), e sem qualquer dúvida nos programas televisivos quinzenais «Convergências» e Livros & Autores», mantidos de 1969 a 1974 (e que, lamentavelmente, já não podemos ver no Arquivo RTP).

Na *Bibliografia Geral dos Açores*, organizada por João Afonso ao longo dos anos 1980 (e cuja letra «J» só este ano foi a prelos...), há considerável registo dessa intervenção de Eduíno, mas só duma pequena parte dela, como pude constatar recentemente, havendo, portanto, um inventário completo que ainda está por fazer. Mas é, em todo o caso, uma assinalável demonstração de capacidade crítica com particular incidência sobre drama e lírica, mas também de participação — e de vontade de participação — em debates teóricos sobre a criação literária ou artística como expressão humana, o que implica um lastro de leituras que claramente transcende o horizonte do leitor médio, razoavelmente informado. A um trabalho publicado na revista *Contravento. Letras e Artes* (Porto, 1968-71), chamaria Daniel Pires «rigoroso ensaio sobre a dicotomia arte pura versus arte comprometida». De tudo isto resultou ainda a sua extensíssima, invulgar colaboração na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, com 21 volumes publicados pela Verbo entre 1963 e 1995, em particular no que ao mundo do teatro e da dramaturgia diz respeito.

Nascido em Janeiro de 1928, Eduíno de Jesus é seis anos mais novo do que Pedro da Silveira, que nesse período somava assinalável produção crítica lançada em periódicos de Lisboa e do Porto, e tão-pouco é fantasioso dizer que o protagonismo do angrense Jaime Brasil (1896-1966) no jornalismo cultural português facilitou a chegada de outros e «novos» açorianos ao contacto com os editores de imprensa. Norberto de Ávila (1936-2022), por exemplo, também escreveu, como Eduíno, para o *Diário de Notícias* nos anos 1960, na boa página semanal coordenada por Natércia Freire.

Em 1959 Eduíno publicou no *Arquivo Coimbrão*, n.º 17, «Influências de Ponta Delgada e Coimbra no espírito de Antero de Quental» (um título que foi obliterado na impressão), um artigo de 11 páginas que é afinal — note-se bem! — nada menos do que o seu discurso na inauguração do busto de Antero no Parque da Cidade (actual Parque do Mondego) de Coimbra, a 23 de Novembro de 1958, um trabalho artístico de Diogo de Macedo gentilmente cedido pela Câmara de Lisboa à de Coimbra. O nosso nonagenário autor e amigo é apresentado pela publicação da Biblioteca Municipal de Coimbra como «estudante micaelense», mas o alcance do seu pensamento é seguramente mais o de um professor, ou dum erudito — ainda que com apenas 31 anos de idade.

Não é possível transcrever aqui e agora senão passagens mais significativas desse trabalho, esperando que, como muitos outros, ele possa vir a ser publicado em vida do autor e sob a sua orientação e preferência. E deste modo, esta minha página não pode deixar de ser um apelo a Eduíno de Jesus e aos seus mais próximos — mas também às entidades públicas regionais, do município de Ponta Delgada ao governo regional e à assembleia legislativa — para que essa campanha editorial seja posta em marcha quanto antes e frutifique a breve termo. No dealbar dum novo ano, quiçá dum recomeço (ainda que imaginário...), que bons planos de trabalho sejam postos sobre a mesa. Não acredito que seja assim tão complicado quanto isso...

Vasco Rosa

[...] É verdade que nasci na mesma ilha de Antero e durante vinte anos não conheci outra cidade além da onde nasceu e morreu aquele que, no arquipélago, todos chamamos «o maior açoriano». Conheço relativamente, por isso, o *habitat* da infância de Antero (e digo «relativamente» porque cem anos, sobretudo cem anos no século XX, contam muito na fisionomia de uma cidade), como relativamente conheço Coimbra, onde Antero passou a adolescência e os primeiros anos da juventude. Mas escusado será

dizer que este conhecimento é insignificante para a exegese da obra de Antero de Quental, pois a filosofia e o apostolado social e ético do corifeu da Escola Nova de Coimbra mostram o pouco que devem à fisionomia urbanística, à situação geográfica, enfim ao ambiente cósmico regional de Ponta Delgada, onde viveu até aos 13 anos (com uma breve interrupção no ano 1852-3, em que frequentou, durante alguns meses, o colégio do Pórtico, em Lisboa, dirigido por Castilho), e a Coimbra, onde viveu dos 14 aos 23 anos. A sua obra poética, de um puro lirismo, apesar das implicações intelectuais, e a filosófica (incluída a sociológica e política), de informação literária e estrangeira, bem pouco reflectem a influência do meio físico, ainda que vários e eminentes autores, nomeadamente Aristides da Mota, Vitorino Nemésio e Ruy Galvão de Carvalho — para não citar senão autores açorianos — tenham procurado relacionar certas características do estilo e da idiosincrasia do poeta com determinadas peculiaridades do ambiente geográfico da ilha de São Miguel, sobretudo com a influência do mar. A meu ver, a frequência, na poesia de Antero, de certas comparações, das quais um dos termos é o mar, ou as suas muitas referências a esse elemento que, na verdade, caracteriza as paisagens insulares ou litorais — não particularmente a paisagem açoriana —, nada adianta sobre a influência do ambiente físico de São Miguel na sua obra, dado que o verdadeiro significado da influência do mar numa literatura, particularmente numa literatura insular, devia traduzir-se na expressão de um sentimento de isolamento e de um indefinível desejo de evasão, e não, como em Antero, restringir-se a um simples recurso imagético, comum, este, a todas as literaturas que florescem na vizinhança do mar, como, por exemplo, a portuguesa. Tão-pouco a influência do mar na obra de Antero adquire o significado de atlantismo que, à missão de Portugal no mundo, concede, no panorama das histórias e filosofias nacionais europeias, um lugar ímpar, definitivamente conquistado pelas descobertas e concomitante acção missionária do século XVI e pelos Lusíadas.

Verdadeiramente, o mar não interessa à exegese do pensamento nem da poesia de Antero de Quental. E se não interessa o mar, que define a paisagem onde se enquadra a infância de Antero e condiciona a história da formação da pátria a que pertence, é difícil descobrir outro aspecto da paisagem com influência no poeta dos Sonetos. A caracteristicamente romântica paisagem de Coimbra, por exemplo, não fez de Antero um romântico; pelo contrário, em Coimbra Antero procurou superar a formação romântica que trazia da ilha. Aliás, nem o romantismo nem o ultra-romantismo são escolas coimbrãs, mas movimentos subsequentes ao liberalismo, foi no Porto, o Porto burguês onde se constituiu o Sinédrio e de onde partiu em 1820, que tiveram o seu berço, com Almeida Garrett, e o seu leito mortuário, com Soares de Passos e os seus discípulos e epígonos, embora fosse em Lisboa, com o venerando e venerado Castilho e a sua corte (Tomás Ribeiro, Pinheiro Chagas, etc.), que o romantismo tivesse tido a sua fátua vida postumum. [...]

É certo que em Coimbra o pensamento religioso e social de Antero sofreu um colapso, mas quando saiu desse colapso foi para afirmar a supremacia do cristianismo como religião e definir a revolução não como guerra mas como paz, não como licença mas como ordem. Por isto, eu preferi designar por *evolução* a revolução intelectual e moral que se operou no espírito de Antero sob a influência do ambiente espiritual de Coimbra, visto que não houve propriamente uma transformação definitiva, mas um aprofundamento de conceitos, um aprofundamento que, algumas vezes, atingiu as raízes do paradoxo. Note-se que Cristo, cuja lição de humanidade aprendera dos lábios maternos, pertenceu sempre à tríade dos eleitos na devoção de Antero; que o povo, que aprendeu a amar na obra de Eugène Sue [1804-57], lida na infância, o atraiu sempre como sociólogo; e que Alexandre Herculano, com os seus ritmos largos como a ondulação do mar e a sua inspiração religiosa que, aos 10 anos, o deslumbrou-a, se sobrepôs sempre, na sua admiração, a todos os poetas. A influência do ambiente espiritual de Coimbra em Antero foi, portanto, menos revolucionária do que catalítica, continuou mais do que destruiu a sua formação intelectual e moral, embora os efeitos dessa catálise e dessa continuação — como, no organismo de um doente, a reacção a certos medicamentos — tenham ao princípio revestido um aspecto negativo. Foi em Coimbra, no entanto, que o poeta desencadeou contra Castilho e as «capoeiras literárias» da época a famosa polémica que se chamou depois Questão Coimbrã e que «foi o ponto de partida para a actual evolução da literatura portuguesa», como fez notar na citada carta autobiográfica o próprio Antero. Em Coimbra, onde Antero foi um chefe, o paradigma de uma geração desnorteada, mas ávida de saber e interessada nos destinos da humanidade, generosa até ao sacrifício, embora agindo algumas vezes menos logicamente, o poeta açoriano sentiu que era a hora de sair do seu isolamento, de descer à liça, de entrar na luta, de permitir a expansão do «espírito revolucionário» contra a «natureza conservadora». Eis o verdadeiro sentido de Coimbra na vida de Antero.

Ponta Delgada está ligada a Antero por laços de vida e de morte; mas em Coimbra foi a primeira tomada de consciência da vida e da morte em Antero. Nenhuma das outras cidades por onde o poeta deambulou ou onde permaneceu por um tempo mais ou menos longo decidiu tanto do seu destino como esta. Homenageando-o hoje, e tão significativamente, Coimbra salda uma dívida antiga. Antero merecia esta homenagem.

Eduíno de Jesus

Arquivo Coimbrão, n.º 17, Janeiro-Junho de 1959. Excertos